

# AS CRIANÇAS e OS LIVROS

*Reflexões sobre a leitura na primeira infância*



Organizadoras: Érica Lima, Fabíola Farias e Raquel Lopes



# AS CRIANÇAS e OS LIVROS

Reflexões sobre a leitura na primeira infância

## FICHA TÉCNICA

**Prefeitura Municipal de Belo Horizonte** | Alexandre Kalil

**Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente** | Marcelo Moreira de Oliveira

**Fundação Municipal de Cultura** | Leônidas José de Oliveira

**Diretoria de Ação Cultural Regionalizada** | Simone Araújo

**Departamento de Coordenação de Bibliotecas e Promoção da Leitura** | Fabíola Farias

**Departamento de Coordenação de Centros Culturais** | Frederico Diniz

**Coordenação da Publicação** | Érica Lima, Fabíola Farias e Raquel Lopes

**Ilustrações** | Anna Cunha

**Projeto Editorial e Gráfico** | Jéssica Tolentino e Samara Coutinho

**Revisão de Textos** | Daniel Couto, Érica Lima, Fabíola Farias, Raquel Lopes e Samuel Medina

**Equipe Técnica** | Adriano Goulart, Alessandra Fiorini, Alison Souza, Daiane Lemes, Diego D'Ávila, Éricka Martin, Fernando Ferreira, Hélio Prata, Lênia Diniz, Luciane Moisés, Luide Lopes, Luzia Lima, Maria do Carmo Costa e Silva, Mônica Souza, Patrícia Renó, Priscilla Gonçalves, Priscila Miranda, Regina Vaz, Rodrigo Teixeira, Samuel Medina, Shirley Rodrigues, Silvio Reis, Waldirene Reis, Wander Ferreira e Waney Medeiros.

**Estagiários** | Carolina Barbosa, Daniel Couto, Dayane Azevedo, Maryluce Silva.

**Agradecimentos** | Ana Paula Simões Hilário, Anderson Alves da Silva, Anna Garcia, Cláudio Cesar da Silva, Cláudio Lima, Ewerton Herald Pinto, Germano Abreu, Jair da Costa Junior, Lucas Antônio Alves de Faria, Marcelo Caldeira, Maria Aparecida de Castro Alves, Maria Fernanda e Silva, Márcia Alves, Mary Cristina Xavier, Marta Luz, Rosângela Cristina dos Santos, Onofre Santiago, Silvana Maria Carvalho de Souza, Sônia Assunção, Walkiria Mazetto, Widller Maciel.

Organizadoras: Érica Lima, Fabíola Farias e Raquel Lopes

# AS CRIANÇAS e OS LIVROS

Reflexões sobre a leitura na primeira infância

Fundação Municipal de Cultura

Belo Horizonte - 2017



**AÇÃO EDUCATIVA** | E FORMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

As crianças e os livros : reflexões sobre a leitura na primeira infância / Organizadoras: Érica Lima, Fabíola Farias, Raquel Lopes.  
- Belo Horizonte : Fundação Municipal de Cultura, 2017.

ISBN: 978-85-64559-08-0

1. Leitura (Primeira infância). 2. Formação de leitores. 3. Bibliotecas.  
I. Lima, Érica. II. Farias, Fabíola. III. Lopes, Raquel. IV. Título.

CDD 028.9

---

Índice para catálogo sistemático

1. Leitura (Primeira infância) 028.9



POR QUE LER  
PARA CRIANÇAS  
TÃO PEQUENAS?

parte 2

# O triângulo amoroso<sup>1</sup>

Yolanda Reyes

## As crianças, as palavras

Tudo começa em um quarto iluminado por uma lamparina com alguém que conta uma história. Ou antes, em uma voz que nos embala quando ainda não temos as palavras. Somos marcados com um nome, entre uma infinidade de nomes, ao qual, lentamente, vamos dando rosto. Recebemos sobrenomes que ligam passado e presente e com os quais chegaremos ao futuro.

Talvez, por sermos parte de uma saga escrita com palavras, precisamos ser nutridos não só com leite, mas também com estes invólucros – histórias, contos e poemas – onde se encontram os que estão chegando agora, os que chegaram há muito tempo e os que já se foram. Ler é, no fundo, estabelecer diálogos entre os que estão aqui e agora com os que moram longe ou morreram e os que estarão vivos quando estivermos mortos. É tornar visível e audível o invisível e o inaudível: por isso, talvez, as crianças peçam, queiram, necessitem que leiamos para elas. Precisam ser envolvidas, decifradas, acompanhadas, consoladas pelas palavras. Precisam também dar nomes a tantas sombras, a tantas coisas indizíveis.

Para evitarem estar só e serem jogadas à própria sorte, com os monstros que povoam a infância, as crianças pedem uma história, outra e outra... (Por isso, talvez, desde que balbuciam as palavras, aprendem a nos pedir “outra vez”). Além do conteúdo da narrativa, as histórias e a voz são o pretexto para manter os seres queridos literalmente envolvidos nesta trama de palavras que participa da nossa busca pela construção de sentido. Nessas experiências de leitura, muito antes de leitura alfabética, estão as bases da vida emocional e cognitiva, assim como estão também as bases do desejo de ler: neste fascínio com as palavras que nascem à flor da pele, à flor de um abraço.

---

<sup>1</sup> Traduzido por Raquel Lopes.

Uma vez que, nesta mesa, perguntam-nos sobre a pedagogia da leitura, começaria dizendo, ainda que pareça estranho, que vale a pena perguntar, melhor e de uma vez, pela pedagogia da literatura. Considero que o período mais fértil para a aprendizagem da literatura é a primeira infância: porque essa necessidade de construir sentido que nos impulsiona, desde pequenos, a trabalhar com as palavras para habitar mundos possíveis e para operar com conteúdos invisíveis é parte de nossa bagagem simbólica.

Ao fim e ao cabo, a nossa história - a pessoal, a regional, a nacional, a universal - é a odisséia humana feita linguagem: uma narrativa da experiência acumulada de quem já viveu mais ou antes. E nunca, como nos primeiros anos, essas conexões são tão claras: o que pode interessar mais a uma criança do que a experiência dos outros, mais experientes? Poderiam imaginar o que significa ter um, dois ou três anos como totalidade de experiência de vida? ... tudo acontece pela primeira vez: a noite, o dia, a primeira despedida na escola, a febre, o natal, o ciúme, a festa de aniversário. E é precisamente este o material literário: a experiência gregária escrita em símbolos e contada por vozes íntimas que nos leem e nos dão pistas sobre como os outros fizeram.

### **Os adultos, os professores**

Talvez quando crescermos continuaremos a ler para reviver este ritual, esse triângulo amoroso que todas as noites unia três vértices: uma criança, um livro e um adulto. Nesta cena primária está a chave para os projetos de leitura. Por um lado, existem os livros. Do outro, os leitores. E no meio, essas figuras que, em linguagem técnica são chamados de “mediadores” - bibliotecários, pais, professores, livreiros, editores- encarregados de promover encontros inéditos e sempre em construção entre um livro e um leitor, particular, de carne e osso. Além das nomenclaturas, qualquer projeto de leitura envolve esses três componentes: o acervo (os livros, os materiais, as palavras), os leitores (ou melhor, cada leitor singular) e o mediador: aquele que promove esses encontros.

Sem esse mediador, que faz a ponte entre o livro e a criança, as páginas de um livro não são nada. Assim, na primeira infância, e também diria que durante todo o período infantil, ou talvez até mesmo mais tarde, a leitura é um trabalho de parceiros e o adulto é por excelência o texto da criança, porque empresta voz, rosto e abrigo para que ela possa se ler. Basta olhar para os movimentos dos leitores iniciantes: seus olhos oscilam, continuamente, do livro para o rosto do adulto: a voz, a cara e o corpo do adulto são o cenário onde a história que a criança escuta, olha e sente, projeta-se e se atualiza. E enquanto as palavras fluem, a criança sente a vida fluir nessas páginas, nessa voz que conta. É isto a que me refiro ao falar sobre a pedagogia da literatura: essa experiência de leitura tão complexa que alguém nos transmite e nos ensina - Nesse sentido profundo de ensino: corpo a corpo, quase por osmose- e que consiste em emprestarmos vidas para viver em um outro corpo; para experimentar, no lugar seguro da linguagem, uma gama de peripécias, aventuras e emoções que nos unem como espécie: essa emoção de emocionarmos com a emoção do outro, que chamamos de empatia. Vocês dirão: e isto se ensina?

Eu acho que sim. Assim como se ensina e se aprende os números, as vogais e as competências semânticas, é possível “ensinar” a experiência essencial da literatura: isto é, o seu poder para revelar significados ocultos e segredos; sua capacidade de nos fazer sentir, emocionar, comover, movendo-nos com as palavras do outro. Com as palavras que se tornam “nossas”.

### **Os materiais, as estratégias**

Precisamos de poemas, histórias, imagens e toda a literatura possível em nossas casas, em nossas escolas e em nossas bibliotecas porque as crianças, e nós também, é claro, precisamos passar a vida pelo filtro das palavras, para integrar os fatos, às vezes absurdos e aleatórios, conectando-os e porque, pensando bem, a nossa tarefa, desde que começamos a nos apropriar da palavra, é construir sentido.

Estou falando de um campo onde a linguagem está sendo construída, um campo que nunca é imutável; estou pensando sobre a possibilidade que a literatura nos abre de rebobinar a vida, como a rebobinamos em sonhos, para que ela nos conte algo de nós mesmos que não é fácil vislumbrar em horas de vigília e que precisa decantar-se por outros caminhos: no mundo simbólico.

O desafio fundamental de um professor de literatura - desde antes do jardim de infância até a pós-graduação seria oferecer leituras e acompanhar os seus alunos a ler, criando, ao mesmo tempo, um clima de introspecção e condições de diálogo para que, em torno de cada texto se possa tecer as vozes, as experiências e as particularidades de cada criança, de cada jovem de carne e osso, com seu nome e sua história.

Se a nossa vida é uma sucessão de gestos inaugurados por outros que repetimos, transformamos e damos sentido, talvez, ao oferecer leituras, podemos dar a cada criança uma caixa de ferramentas para ajudá-la na tarefa de inventar sua própria vida, entre o que é dado e o que é possível.

Voltemos à fascinação do bebê pelas palavras para buscar nelas os materiais e as estratégias: o livro, a mão que toca, a voz que conta, guia, e inventa palácios. Talvez sejam essas estratégias simples e talvez seja isto simplesmente um mediador: a voz que conta, uma mão que inventa palácios e arquiteturas impossíveis; alguém que abre as portas proibidas e que traça caminhos e conexões entre livros e leitores.

E para fazer o seu trabalho não se deve esquecer que, para além de mediador ou de professor ou como queira ser chamado, trata-se de um ser humano com áreas de luz e sombra; com uma vida secreta e uma história de palavras. Seu trabalho como a própria literatura é risco e incerteza. Seu ofício privilegiado é basicamente ler. E os seus textos de leitura não são somente os livros, mas também os seus leitores: quem são, como se chamam, que temem, que sonham...

Quando esses leitores crescerem e fecharem as portas de seus quartos e nos expulsarem do seu lado, esquecendo datas e nomes - e tudo isso geralmente acontece - talvez poderão lembrar-se da essência destas conversas sobre a vida que foram tecidas entre as linhas quando aquele mediador adulto, como Scheherazade, olhava-os nos olhos e dizia: *Era uma vez, há muitos, mas muitos anos, em um país distante...*





Ana Lydia Santiago  
Celia Abicalil Belmiro  
Cristiene Leite Galvão  
Daniela Figueiredo  
Elizabeth Serra  
Érica Lima  
Fabíola Farias  
Flávio Fargas  
Jéssica Tolentino  
Juliana C. Daher  
Márcia Alves  
Mariana Rosa  
Marilda Castanha  
Mônica C. Baptista  
Nelson Cruz  
Patrícia Renó  
Rafael Mussolini  
Raquel Lopes  
Rosinha  
Samara Coutinho  
Samuel Medina  
Santiago Régis  
Viviane de C. M. Trindade  
Yolanda Reyes



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

[www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)